

FATORES CONDICIONANTES PARA O ADOECIMENTO DE DOCENTES ENFERMEIROS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO – RO

Jacqueline Cristina de Paula BRITO¹; Claudia Veronica Mendoza DUEÑAS¹; Flavia Janaína da Cruz VENENO^{1*}

1. Faculdade São Lucas, Porto Velho, Brasil.

*Autor Correspondente: flavia.alves@saolucas.edu.br

Recebido em: 13 de maio de 2015 - Aprovado em: 10 de outubro de 2015

RESUMO: A docência em enfermagem é uma característica intrínseca ao exercício da profissão, uma vez que o enfermeiro não atua apenas como um cuidador mais também como um orientador de ações de prevenção contra os agravos à saúde de seus pacientes. A pesquisa realizada com 13 docentes enfermeiros de uma instituição de ensino superior no município de Porto Velho-RO foi de abordagem metodológica de cunho descritivo qualitativo, tendo como objetivo geral identificar os principais riscos à saúde aos quais os docentes enfermeiros estão mais suscetíveis, bem como os fatores desencadeantes. Conclui-se que os enfermeiros docentes estão suscetíveis ao aparecimento de patologias como: as cardíacas relacionadas ao estresse, oriundas das sobrecargas diárias tanto no ambiente de ensino quanto no hospitalar, os distúrbios osteomusculares relacionados com a exposição aos riscos ergonômicos, doenças neurológicas devido relatos de insônia, desencadeados por fadigas e esgotamentos sofridos diariamente. Com isso, vê-se que as instituições tanto de ensino quanto hospitalar poderiam prover de atividades de cunho educativo aos seus profissionais, preparando uma equipe multiprofissional a fim de evitar futuros danos à saúde ocasionados pela sobrecarga de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Docência. Enfermagem. Saúde.

INTRODUÇÃO

A docência em enfermagem é uma característica intrínseca ao exercício da profissão, uma vez que o enfermeiro não atua apenas como um cuidador mais também como um orientador de ações de prevenção contra os agravos à saúde de seus pacientes.

Os religiosos foram os primeiros enfermeiros que se têm conhecimento, ensinavam seus escravos para que os mesmos pudessem auxiliá-los na prestação de cuidados aos enfermos (PAIXÃO, 1979).

Na atualidade, em virtude da grande demanda dos hospitais e instituições de saúde por profissionais capacitados para o exercício da profissão, surgem instituições de ensino que tem por objetivo a formação profissional. Entretanto, a demanda de profissionais enfermeiros docentes capacitados para atividades do ensino-aprendizagem é irrisória o que leva a uma deficiência no ensino e os percentuais desses profissionais capacitados tendem a atender a uma gama tão grande de atividades que resulta em uma sobrecarga de trabalho.

O professor é remunerado conforme contrato e mediante desenvolvimento de trabalhos junto aos discentes, o que implica no preparo e elaboração de atividades, além de diversas atribuições assumidas como a capacitação profissional, assim reduzindo seu tempo no seio familiar gerando conflitos, insatisfação e desgaste (ROCHA; FELLI, 2004).

O início de um distúrbio osteomuscular na enfermagem em si, pode ser desencadeada por procedimentos que envolvam tanto a assistência quanto à gerência, com as quais lidam diariamente. (FERREIRA Jr., 2000). Esse distúrbio pode está relacionado aos fatores ergonômicos e posturais inapropriados, evidente tanto no âmbito hospitalar quanto na instituição de ensino. (PARADA; ALEXANDRE; BENATTI, 2002 apud LEITE; SILVA; MERIGHI, 2007).

Segundo Ferreira Jr. (2000), a Doença Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT) está inteiramente relacionado ao trabalho sendo necessário “compreender a associação não apenas em relação às condições ambientais, mas ao posto e organização do

trabalho, e a fatores psicossociais com ele envolvidos”.

Fatores psicossociais estão relacionados às condições de saúde do profissional enfermeiro docente, pois fatores como: “repercussões individuais relativas à carreira, à carga e ao ritmo do trabalho, assim como ao ambiente social e de relações interpessoais no trabalho”, refletem suas percepções como um ser profissional, familiar, social e principalmente como um ser pessoal. Já do ponto de vista de relações interpessoais, a pressão exercida pelo grupo, as situações de interação social negativa e a relação com clientes descontentes são geradores potenciais de estresse, via estímulos de natureza emocional ou psicoafetiva (FERREIRA Jr., 2000).

“A complexidade do objeto da saúde dos trabalhadores requer uma abordagem necessariamente inter e transdisciplinar”, para que se possa mudar o olhar “melhorar a compreensão e ampliar a intervenção dos problemas”. (FERREIRA Jr., 2000).

De acordo com Mauro et al (2010) “as condições de trabalho influenciam no processo de trabalho e contribuem sobremaneira para determinar o processo de saúde-doença dos trabalhadores de enfermagem”.

Com isso vê-se como problemática verificar, quais as condições de saúde dos docentes enfermeiros e como isso influencia no seu dia-a-dia? E como estão as condições de saúde dos docentes enfermeiros frente às suas atividades diárias? Esses questionamentos devem ser levantados devido a sobrecarga de trabalho que esses profissionais são submetidos diariamente.

O presente estudo tem como objetivo identificar os principais riscos à saúde as quais os docentes enfermeiros de uma instituição de ensino superior estão mais suscetíveis, bem como os fatores desencadeantes, pois desde a implantação no mercado de trabalho, vê-se que a profissão já enfrenta desafios diariamente, o que remete ao fato de altas cargas horárias, noites acordadas e quando associada à competência de docente a sobrecarga de trabalho só aumenta devido atividades administrativas, extracurriculares, como cursos, palestras e afins. Tudo isso associado ao fato

de que poucos foram os achados a respeito do assunto, contribui para ressaltar a importância e relevância deste tema.

A esse respeito Dias et al. (2007, p.689), ressaltam que o cuidado dos profissionais “que se dedicam à formação de recursos humanos para atuarem no setor saúde”, bem como a promoção de sua saúde é um fator relevante, principalmente pelo fato da escassez de estudos envolvendo essa temática.

Diante do exposto esta pesquisa se justifica por identificar alguns dos problemas de saúde ao qual o profissional docente enfermeiro está mais vulnerável como, por exemplo, riscos ocupacionais, como o estresse, doenças osteomusculares. E, principalmente levantar hipóteses como: Dificuldade em implementar o auto-cuidado; Segurança de sua saúde estar em boas condições; Elevada carga de trabalho na instituição de ensino e/ou no âmbito hospitalar; e Falta de lazer com familiares, amigos pode afetar o emocional e/ou físico.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva de abordagem quali-quantitativa, realizada no segundo semestre de 2014, na instituição de ensino Faculdade São Lucas, localizada no município de Porto Velho-RO. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade São Lucas sob o número 867.248.

A coleta dos dados foi realizada após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), bem como após o consentimento por meio do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). O estudo foi realizado com base nos dados coletados por meio questionário com perguntas abertas, fechadas e de múltiplas escolhas, onde foram avaliadas as condições de saúde dos docentes enfermeiros do Curso de Graduação da referida instituição, bem como o perfil desses profissionais.

Foram incluídos na pesquisa todos os docentes enfermeiros que faziam parte do quadro de docentes do curso de enfermagem no segundo semestre de 2014, num total de 13 profissionais, sendo que somente 10 responderam ao questionário, devido que um desvinculou-se da instituição na época da pesquisa, uma estava passando por tratamento

médico e uma não quis participar da pesquisa. E foram excluídos todos os outros docentes do curso de enfermagem que não são enfermeiros.

A análise dos dados foi realizada durante o processo de coleta, tendo como método a análise de conteúdo, que segundo Landim et al. (2006), “valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões”, onde seu “objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo”.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os dados extraídos da tabela 01 revelam que não há divergência entre as faixas etárias de 20 – 30 e > 40, pois as mesmas apontam 40%, entretanto a faixa etária entre 31

– 40 soma 20% do total de professores enfermeiros. Entretanto na variável sexo, o que se observa é a prevalência do sexo feminino com 70% (N=07) do número de enfermeiro docentes entrevistados nesta instituição, e com isso observa-se que o sexo feminino é o maior na categoria profissional enfermeiro e, conseqüente o maior na categoria profissional docente. E quanto ao estado civil, a variável casado (a) é bem prevalente, o que deixa claro que além de se dedicarem ao ser enfermeiro docente, muitos desses profissionais dedicam-se aos afazeres do lar, como também a educação dos filhos nas quais muitos relataram no decorrer das respostas das questões subsequentes, com isso vê-se que há um desdobramento maior por parte desses profissionais.

Tabela 1 – Distribuição dos Docentes Enfermeiros, segundo variáveis sociodemográficas, Porto Velho, Brasil, 2014.

CARACTERÍSTICAS		N	%
Faixa Etária	20 a 30	04	40%
	31 a 40	02	20%
	> 40	04	40%
Sexo	Masculino	03	30%
	Feminino	07	70%
Estado Civil	Solteiro (a)	02	20%
	Casado (a)	08	80%

Fonte: Autor da Pesquisa.

Quanto ao tempo de formação dos docentes enfermeiros que responderam ao questionário, notou-se que os profissionais com menos de 10 anos, corresponderam a 70% (N=07), demonstrando dessa forma que esses profissionais formaram-se há pouco tempo. E ainda, de acordo com os resultados, apenas 30% (N=03) desses profissionais possuem formação superior a 10 anos.

Assim, acredita-se que os docentes enfermeiros com formação menor de 10 anos buscam uma “inovação” no ensino, devido às dificuldades enfrentadas nos seus anos de formação. Somando essa busca pela inovação do ensino com a experiência dos profissionais que se formaram a mais tempo, os desafios que tornam-se inerentes a uma prática de ensino de excelência será inaudito.

Segundo Rodrigues e Sobrinho (2007), “a formação docente em enfermagem

deve ser consolidada com base no domínio de conhecimentos científicos e na atuação investigativa no processo de ensinar e aprender”.

Na tabela 2 a seguir, vê-se que a área de maior atuação desses profissionais enfermeiros está voltada para a área assistencialista nos mais diversos setores, como por exemplo, centro cirúrgico, unidade de terapia intensiva e atenção primária, com um percentual de 80% (N=08). Já os outros profissionais enfermeiros 20% (N=02), dedicam-se exclusivamente a área da docência. Os resultados demonstram que apesar das rotinas estafantes, como carga de horária, relação interpessoal (tanto de profissional-profissional, quanto profissional-paciente), jornada de trabalho, etc., o que se vê é o despreendimento destes profissionais para o âmbito assistencialista, não deixando de lado a

essência de sua formação acadêmica, mesmo tendo a opção da docência, é claro que os que se dedicam exclusivamente a docência não deixam de ser assistencialista nas práticas de ensino propostas pelo curso.

De acordo com Rocha e Felli (2004), “o ensino é tomado como um processo intelectual e, por isso, mais privilegiado quando comparado com o processo de cuidar, pois as condições de trabalho (jornada, horário de trabalho, salário) são percebidas pelos enfermeiros como mais favoráveis”.

Tabela 2 – Distribuição dos Docentes Enfermeiros, segundo a Área de maior Atuação, Porto Velho, Brasil, 2014.

ÁREA DE ATUAÇÃO	N	%
Assistência	08	80%
Docência	02	20%

Fonte: Autor da Pesquisa.

Quanto aos docentes enfermeiros que ocupam outros cargos dentro da instituição de ensino, podemos observar que todos os profissionais que reponderam ao questionário são docentes que atuam no curso de enfermagem, ou seja, 100% (N=10), porém vale ressaltar que três desses profissionais além de atuarem na docência assumem outras funções, como: Coordenador (a) do Curso 10% (N=01), Coordenador (a) de Estágio Curso 10% (N=01) e Supervisor (a) do Pronatec 10% (N=01). Assim sendo, vê-se que atuar como docente enfermeiro exige uma dedicação maior desses profissionais, levando-os a uma sobrecarga no seu ambiente de trabalho, ou seja, assumem muitas vezes uma tríplice jornada de trabalho.

Os temas ‘qualidade de vida e saúde do trabalhador’, quando colocados num mesmo sentido podem ‘proporcionar um avanço significativo na qualidade dos serviços prestados pelos trabalhadores’. O profissional da área da saúde, inserido no contexto laboral, “muitas vezes atua em favor da otimização do bem-estar de seus clientes e, quase sempre, negligencia o cuidado em direção ao seu próprio estado de saúde” (NEVES, 2010).

Apesar de que o exercício da profissão do ser enfermeiro exija boa condição física e mental, dificilmente esses profissionais ‘recebem a proteção adequada para o seu

O Ser primordial no ensino de enfermagem é o enfermeiro docente, visto que é a ‘peça chave na configuração de novos perfis profissionais’. Com isso, vê-se que o ato de ensinar futuros profissionais que cuidaram da saúde de outras pessoas, só vem engrandecer essa categoria, pois os mesmos estão elevando os ‘níveis de escolaridade’, e ainda contribuindo para qualificar pessoas nos mais diversos setores da saúde (EBISUI, 2004).

desempenho’. Com isso, percebe-se que ao ‘exercerem atividades estafantes’, por vezes em ambientes inapropriados, sem a proteção e atenção que deveriam receber, esses profissionais estão propensos a acidentes diariamente, bem como ‘doenças decorrentes das atividades’ (MUROFUSE; ABRANCHES; NAPOLEÃO, 2005).

Quando perguntados sobre como conseguem conciliar casa e trabalho, observa-se a dificuldade dessa relação intrínseca, pois alguns dos entrevistados responderam: a organização do tempo 40% (N=04) a maneira que muitos aderiram para realizar suas atividades, outros ainda utilizam a divisão de tarefas 10% (N=01), como sendo um método para realizar suas atividades diárias, ao passo que 50% (N=05) responderam administrando o tempo, adotam a opção de trabalhar em um único turno, com ajuda de parentes e/ou secretária. Como mostra dos resultados citados acima, segue algumas respostas dos entrevistados:

A1- “Com dificuldade, mas o tempo que resta é dedicado ao lar”.

A2- “Procurando realizar minhas atividades do trabalho sem levar trabalho para casa”.

A3- “Optei por não trabalhar no período matutino para que assim pudesse

cuidar do meu filho e coordenar os afazeres domésticos”.

Contudo, o que observa-se que mesmo com muitos afazeres ‘muitos profissionais ainda conseguem administrar o tempo’, planejando suas atribuições. Porém, devido as sobrecargas de trabalho sofridas diariamente, este profissional esta propenso a uma vida estressante (SILVA, 2006).

Para muitos desses profissionais, apesar de longas jornadas de trabalho, crescer profissionalmente e ‘conquistar objetivos são metas’. “Entretanto, com criatividade e motivação, é possível conciliar trabalho e lazer, manter a qualidade de vida e proporcionar qualidade na assistência”. Com isso, conceitos como o de qualidade de vida devem ser trabalhados e enfocados nos âmbitos tanto hospitalar quanto de ensino, para que assim possa ser estabelecido um equilíbrio interior e exterior (SILVA, 2006).

Certas atividades, que os profissionais estavam acostumados a desenvolver quando não mais desenvolvidas ‘podem convergir para problemas de saúde mental, levando o trabalhador ao isolamento social’ principalmente devido a ausência em casa, principalmente nos ‘finais de semana e feriados’. Tudo isso é agravado pelo acúmulo de empregos, diminuindo assim, o tempo para o lazer (SOUZA, 2012).

Tabela 3 – Distribuição dos Docentes Enfermeiros, segundo a Dificuldade Para Dormir, Porto Velho, Brasil, 2014.

DIFICULDADE PARA DORMIR	N	%
Sim	02	20%
Não	07	70%
Não responderam e/ou não opinaram	01	10%

Fonte: Autor da Pesquisa.

Ter dificuldade para dormir parece não ser um problema para cerca de 70% (N=07) dos profissionais que responderam ao questionário, em contrapartida 20% (N=02) relatam sentir certa dificuldade, relacionada ao estresse em alguns períodos, ou mesmo sintomas que intensifiquem tal fato (segue abaixo alguns relatos). Há ainda os que não responderam e/ou não opinaram que corresponde a 10% (N=01).

Já quando o assunto é Fadiga e/ou Esgotamento entre esses profissionais, observa-se que 70% (N=07) apresentam tais sintomas, enquanto que 30% (N=03) dizem não apresentar. De acordo com os dados obtidos, há relatos desses profissionais quanto a presença de fadiga e/ou esgotamento, conforme segue abaixo:

A1-*“A sobrecarga de dupla jornada de trabalho, pois tenho outro vínculo empregatício”.*

A2-*“À dificuldade de associar múltiplas atividades diárias”.*

A3-*“Excesso de atividades pouco tempo de lazer”.*

E, segundo Magnago et al. (2007), a profissão docente enfermeiro é considerada fatigante, devido contato com o sofrimento e a morte, das jornadas de plantão, da aceleração dos ritmos de trabalho, da polivalência e do esforço musculoesquelético na realização do cuidado.

“O prazer no trabalho e a fuga do desprazer são desejos permanentes de todas as pessoas, mas, em face das exigências da organização do trabalho, esse acaba por conduzir ao sofrimento, transformando-se em obrigação imposta pela necessidade de sobrevivência” (ELIAS; NAVARRO, 2006).

A1-*“Sempre tive insônia, mais em períodos de maior estresse isso intensifica”.*

A2-*“Algia em MMII, devido ficar bastante tempo em pé durante o dia”.*

A insônia depende da quantidade e/ou qualidade do sono, relacionado com a dificuldade de iniciar e mesmo manter o sono, tudo isso está associado a ‘fadiga excessiva, mudança de humor’. Outras características que está relacionado com a maioria dos insones são: “fadiga, cansaço, ardência nos olhos,

irritabilidade, ansiedade, fobias, dificuldade de concentração, atenção, memória, mal-estar e sonolência” (PRADO; CARVALHO; PRADO, 2012).

Os sinais e sintomas (tabela 4) descritos por muitos dos entrevistados está voltada ao cansaço com 80% (N=08), a cefaleia tensional com 70% (N=07) e a lombalgia com 60% (N=06), estes dados só reafirmam a negligência que estes profissionais têm com sua saúde, bem como as sobrecargas a que estão submetidos diariamente em seu ambiente de trabalho. Ressaltando ainda, que há outras sintomatologias menos citadas, mas quando trata-se de bem estar físico, emocional e social não devem ser deixados de mencionar como, por exemplo, a dorsalgia 30% (N=03), mialgia em MMII 40% (N=06), região cervical 30% (N=03), pois os mesmos podem interferir na qualidade de vida, que por sua vez podem afetar seu ambiente de trabalho, seja na instituição hospitalar ou na instituição de ensino.

Segundo Brunner (2014), “a cefaleia ou cefalalgia é uma das queixas físicas mais comuns de todos os seres humanos”. Considerado um sintoma ‘não uma entidade patológica’, a mesma pode ser indicação de “doenças orgânicas, uma resposta ao estresse, vasodilatação (enxaqueca), tensão muscular esquelética (cefaleia de tensão) ou uma combinação de fatores”.

Barros (2011) relata que a etiologia, ou seja, a origem das dores lombares é desencadeada por vários fatores, dando ênfase as ‘causas biomecânicas, características individuais e fatores ocupacionais’. Tudo isso pode está ligado às condições ergonômicas inadequadas que em desarmonia com o ‘sistema musculoesquelético’ interfere letalmente na postura corporal adequada.

De acordo com a SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA DOR (SBED), (2009-2010) a cervicalgia caracteriza-se como uma algia na porção posterior do

pescoço, que geralmente afeta a musculatura cervical. Essa algia pode irradiar-se para membros superiores e até mesmo afetar a cabeça ocasionando tontura. Vários fatores podem estar relacionados com a cervicalgia, como por exemplo, reações inflamatórias, infecciosas, tumorais, traumático, etc., muitos desses podem evoluir para a cronicidade. Tal sintoma pode ser resultado do excesso de trabalho, estresse e até mesmo a má postura no trabalho.

A origem da LER (Lesão por Esforço Repetitivo) /DORT tem vínculo com a gama de atividades, ‘intensidade do ritmo de trabalho,’ bem como a forma de conduzir e organizar o trabalho. O trabalho que os profissionais da enfermagem desempenham de acordo com suas características próprias, bem como de cada setor pode estar relacionado com o aparecimento dessas lesões, intensificando ainda mais o sofrimento e adoecimento desse profissional. Algumas instituições hospitalares apresentam recursos humanos deficientes, sobrecarregando o profissional na prestação de serviços, gerando transtornos a saúde do mesmo. “As queixas de saúde relacionadas ao aparelho osteomuscular representam uma das maiores causas de sofrimento nos trabalhadores de enfermagem” (LEITE; SILVA; MERIGHI, 2007).

E, de acordo com Souza (2012), devido às características laborais próprias dessa profissão uma sobrecarga física e psicológica, que dependendo das características individuais, como por exemplo, hereditariedade, hábitos de saúde, estilo de vida, entre outros poderá acarretar em um agravo na saúde.

Segundo Oler (2005), os profissionais de enfermagem devido às atividades que lhe são incumbidos podem apresentar alguns sintomas, como: a ‘cefaleia e dores musculares em geral’. Tudo isso, associado às sobrecargas de trabalho reflete no esgotamento físico e mental desses trabalhadores.

Tabela 4 – Distribuição dos Docentes Enfermeiros, de acordo com Sinais e Sintomas, Porto Velho, Brasil, 2014.

	N	Sim %	N	Não %
Cansaço	08	80%	02	20%
Cefaleia	07	70%	03	30%
Dorsalgia	03	30%	07	70%
Insônia	01	10%	09	90%
Lombalgia	06	60%	04	40%
Mialgia em MMII	04	40%	06	60%
Região Cervical	03	30%	07	70%

Fonte: Autor da Pesquisa.

De acordo com o nível que consideram-se estressados 80% (N=08) dos entrevistados apresentam tal característica contra 20% (N=02) que disseram não apresentar estresse. Dessa forma, os profissionais enfermeiros docentes devido à rotina do seu ambiente de trabalho tornam-se vulneráveis a este mau do século, conforme resposta em A1:

A1-“*Sim. O estilo de vida que nos é imposto atualmente nos leva ao estresse no dia-a-dia*”.

A2-“*Não, pois procuro estar sempre tranquilo na realização de minhas atividades e gosto do que faço realizando com prazer*”.

Como características e ideais dessa profissão, tem-se a dedicação, a abnegação, o devotamento e o prazer, todas essas características relacionam-se com o fato de tarefa cumprida, que dentro das necessidades humanas básicas é essencial para a manutenção

da vida. Contrário, a todos esses ideais estão à dura realidade das condições de trabalho a que muitos são submetidos diariamente (ELIAS, 2006). O que se percebe ainda são as situações de medo e insegurança com o aumento da responsabilidade no “cumprimento de metas e objetivos estabelecidos a priori pela organização. A gestão pelo medo torna o trabalhador mais competitivo e mais produtivo, e, ao mesmo tempo, mais vulnerável ao estresse” (SILVA; HELOANI; PIOLLI, 2012).

Segundo Araújo (2009), “o desgaste da saúde do enfermeiro envolve a carga de trabalho excessiva, ocasionando inevitavelmente altos níveis de estresse diariamente”. Tudo isso, devido às longas jornadas de trabalho, “horas extras, em virtude da complementação salarial falta-lhe tempo necessário, que deveria ser utilizado para atividades de lazer e descanso”.

Tabela 5 – Distribuição dos Docentes Enfermeiros, de acordo com o nível que consideram-se estressados, Porto Velho, Brasil, 2014.

ESTRESSE	N	%
Sim	08	80%
Não	02	20%

Fonte: Autor da Pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade a qual os profissionais enfermeiros docentes estão inseridos vive um momento de transformação tecnológica, contudo, esse aparato não impede o aparecimento de patologias acarretadas pelo excesso de atividades diárias aos quais estão

suscetíveis. Com isso, observa-se que essa sobrecarga acaba por privá-los do que realmente é essencial para o seu bem-estar físico, psicossocial, como por exemplo, um tempo para o lazer com amigos e/ou familiares.

Os dados analisados durante a pesquisa mais especificadamente voltados para a categoria profissional enfermeiro docente

estão intimamente relacionados com as rotinas desgastantes a que são submetidos diariamente, como por exemplo, a dupla ou tripla jornada de trabalho entre a assistência e a docência.

Ao longo da pesquisa averiguou-se a predisposição de algumas patologias advindas de causas diárias, como por exemplo, o percentual de estresse em 80% dos profissionais que responderam ao questionário tendo em vista a associação com rotinas estafantes sofridas diariamente, muitos disseram ainda que frequentemente não tem tempo disponível ao lazer cerca de 90%, tudo isso não associado com rotinas saudáveis, pode vir a desencadear problemas cardíacos; as doenças osteomusculares, como a lombalgia 60%, a dorsalgia 30% e a mialgia em MMII 40%, em função de posições inadequadas ao sentar, ao ficar em pé, ao deitar; e até mesmo a doenças neurológicas com maior probabilidade naqueles que relataram casos de insônia que foi de 10%.

A busca incessante por excelência profissional e pessoal está levando esses

profissionais a negligenciar o cuidado com a própria saúde e até mesmo ir contra os princípios aprendidos e ensinados que é a promoção da saúde e bem-estar.

Ser um profissional da saúde não é fácil devido aos obstáculos enfrentados diariamente no âmbito hospitalar. Quando associado com a profissão docente os obstáculos podem ser considerados ainda maiores devido às sobrecargas de afazeres na instituição de ensino. Com isso, vê-se que esses profissionais deveriam receber uma assistência mais específica, como por exemplo, durante o intervalo de trabalho ter um momento de atividades voltadas para alongamentos com o fisioterapeuta, ter uma consulta com a nutricionista, enfim fazer com que haja uma interação dos cursos da área da saúde, assim tendo uma equipe multiprofissional que acompanhe esses trabalhadores na busca de uma vida saudável, pois a instituição de ensino quanto a hospitalar dispõem da categoria de profissionais citados acima.

CONDITIONING FACTORS FOR THE ILLNESS OF NURSING TEACHERS OF A HIGHER EDUCATION INSTITUTION IN THE CITY OF PORTO VELHO – RO

ABSTRACT: Teaching in nursing is an intrinsic characteristic of the profession, since the nurse does not act only as caregiver more also as a guiding preventive actions against the health problems of their patients. A survey of 13 nursing teachers of a higher education institution in the city of Porto Velho methodological approach was descriptive qualitative and quantitative nature, with the geral objective to identify the main health risks which teachers are most susceptible as well as triggering factors. It was concluded that the nursing teachers are susceptible to the onset of diseases such as heart-related stress, resulting from the daily burdens both in teaching and en the hospital environment, musculoskeletal disorders related to exposure to ergonomic hazards, neurological diseases because insomnia reports, triggered by fatigue and exhaustion suffered daily. Thus, is possible to see that the institutions of both teaching and hospital could provide educational basis of their professional activities, preparing a multidisciplinary team in order to avoid to prevent future damage to health caused by work overload.

KEYWORDS: Teaching. Nurse. Health.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. A.; SOARES, M. J. G. O.; HENRIQUES, M. E. R. M. Qualidade de vida: percepção de enfermeiros numa abordagem qualitativa. **Revista. Eletrônica de Enfermagem.** v.11, n.3, p.634-5, 2009. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/fen_revista/v11/n3/pdf/v11n3a22.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2015.

BARROS, S. S. et al. Lombalgia ocupacional e a postura sentada: efeitos da cinesioterapia laboral. **Rev. Dor.** v.12, n.4, p.308-13, 2011. São Paulo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdor/v12n4/a05v12n4.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

BRUNNER & SUDDARTH. **Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. Cap.61.

DIAS, J. et al. Promoção de saúde das famílias de docentes de enfermagem: apoio, rede social e papéis na família. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v.16, n.4, p.688-95, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n4/a13v16n4>>. Acesso: 10 maio 2014.

EBISUI, C. T. N. A identidade profissional do enfermeiro professor do ensino técnico de enfermagem. 2004. 190p. Dissertação (Mestrado) – **Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto, 2004.** Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-31052005-16335.php>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

ELIAS, M. A.; NAVARRO, V. L. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. **Rev. Latino-am Enfermagem.** v.14, n.4, p.517-25, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n4/v14n4a08.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2014.

FERREIRA Jr., M. Saúde no trabalho: temas básicos para o profissional que cuida da saúde dos trabalhadores. São Paulo: Roca, 2000. Cap. 1, p. 8. Cap. 11, p.286-293.

LANDIM, F. L. P. et al. Uma Reflexão Sobre as Abordagens em Pesquisa com Ênfase na Integração Qualitativo-Quantitativa. **R. B. P. S.** v.19, n.1, p. 53-58, 2006. Disponível em: <<http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/961/2123>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

LEITE, P. C.; SILVA, A.; MERIGHI, M. A. B. A mulher trabalhadora de enfermagem e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. **Rev. Esc. Enferm. USP.** v.41, n.2, p. 287-291, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reusp/v41n2/15.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

MAGNAGO, T. S. B. S.; LISBOA, M. T. L.; SOUZA, I. E. O.; Moreira, M. C. Distúrbios Músculo-Esquelético em Trabalhadores de Enfermagem: associação com condições de trabalho. **Rev. Bras. Enferm.** v.60, n.6, p. 701-5, 2007. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2069.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

MAURO, M. Y. C. et al. Condições de trabalho da enfermagem nas enfermarias de um hospital universitário. **Esc. Anna Nery.** v. 14, n. 1, p. 13-18, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eann/v14n2/05>>. Acesso: 02 jun. 2104.

MUROFUSE, N. T.; ABRANCHES, S. S.; NAPOLEÃO, A. A. Reflexões sobre estresse e Burnout e a relação com a enfermagem. **Rev. Latino-am Enfermagem,** v.13, n.2, p.255-61, 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rlae/v13n2/v13n2a19.pdf>. Acesso: 12 maio 2014.

NEVES, M. J. A. O. et al. Influência do Trabalho Noturno na Qualidade de Vida do Enfermeiro. **Revista de enfermagem UERJ**. v.18, n.1, p.42-47, 2010. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n1/v18n1a08.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

OLER, F. G. et al. Qualidade de vida da equipe de enfermagem do centro cirúrgico. **Arquivos de Ciências da Saúde**. v.12, n.2, p.102-10, 2005. Disponível em: <http://www.cienciasdasaude.famerp.br/racs_ol/vol-12-2/8.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2015.

PAIXÃO, V. **História da enfermagem**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Julio C. Livraria, 1979.

PARADA, E. O.; ALEXANDRE, N. M. C.; BENATTI, M. C. C. Lesões ocupacionais afetando a coluna vertebral em trabalhadores de enfermagem. **Rev. Lat. Am. Enferm.** v.10, n.1, p.64-9, 2002. In: LEITE, P. C.; SILVA, A.; MERIGHI, M. A. B. A mulher trabalhadora de enfermagem e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. **Rev. Esc. Enferm. USP**; v.41, n.2, p.287-91, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n2/15.pdf>>. Acesso: 11 jun. 2014.

PRADO, G. F.; CARVALHO, L. B. C.; PRADO, L. B. F. Como Diagnosticar e Tratar Insônia. **Grupo Editorial Moreira Jr.** São Paulo, v.69, n.12, 2012. Disponível em: <http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=5290>. Acesso em: 31 jan. 2015.

ROCHA, S. S. L.; FELLI, V. E. A. Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem. **Rev. Latino-am Enfermagem**. v.12, n.1, p.28-35, 2004. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rlae/v12n1/v12n1a05.pdf>. Acesso: 09 maio 2014.

RODRIGUES, T. P.; SOBRINHO, J. A. C. M. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. **Rev. Bras. Enferm.** v.60, n.4, pp. 456-459. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n4/a19.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

SILVA, B. M. et al. Jornada de trabalho: fator que interfere na qualidade da assistência de enfermagem. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v.15, n.3, p.442- 8, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n3/v15n3a08.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

SILVA, E. P.; HELOANI, J. R.; PIOLLI, E. Autonomia Controlada E Adoecimento Do Professor. **Revista Educação e Políticas em Debate**. v.2, n.2, jul./dez, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducapoliticas/article/view/21901/12113>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O ESTUDO DA DOR (SBED), Out. 2009/ Out. 2010. Disponível em: <<http://www.dor.org.br/pdf/campanhas/46.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

SOUZA, L. M. **Preditores de Absenteísmo de um hospital Universitário: Estudo de Coorte**. Tese (Doutorado)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Porto Alegre, BR-RS, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49123/000835221.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 jan. 2015.